

Política tarifária britânica e evolução das exportações brasileiras na primeira metade do século XIX

Paulo Nogueira Batista Jr. *

Este trabalho procura avaliar o impacto das restrições tarifárias impostas pela Inglaterra às exportações brasileiras de açúcar e de café ao longo da primeira metade do século XIX. Embora a Inglaterra ocupasse uma posição privilegiada no Brasil nessa época, os principais produtos brasileiros foram sistematicamente excluídos do mercado britânico, evidenciando um grande descompasso entre a ideologia do livre-comércio e a prática da política comercial britânica. O artigo procura mostrar que a política tarifária da Inglaterra foi um obstáculo importante para o crescimento das exportações brasileiras num período em que os principais produtores coloniais britânicos não apresentavam condições de competir em pé de igualdade com os produtores brasileiros.

1. Introdução; 2. Política tarifária da Inglaterra com relação ao açúcar e ao café; 3. Dimensões do mercado britânico de açúcar e de café e importância desses produtos para a economia brasileira de exportação; 4. A capacidade de concorrência do açúcar e do café brasileiros, 1815-1833; 5. A capacidade de concorrência das exportações brasileiras, 1833-1850; 6. Conclusão.

1. Introdução

Na primeira metade do século XIX, as relações comerciais entre a Inglaterra e o Brasil foram de natureza inteiramente assimétrica. Pelos tratados comerciais de

* Economista do IBRE/FGV. Este artigo constitui o desenvolvimento de um dos capítulos da tese de mestrado apresentada ao Departamento de História Econômica da London School of Economics em setembro de 1979, sobre o impacto das relações anglo-brasileiras no desenvolvimento econômico do Brasil. O autor agradece a Colin M. Lewis, que orientou a tese e o trabalho subsequente, e a Luis Aranha Corrêa do Lago por suas críticas e sugestões.

1810 e 1827, a Inglaterra conquistara uma posição privilegiada no Brasil. Além de uma série de outras concessões e vantagens, os tratados fixaram as tarifas brasileiras sobre manufaturas britânicas no limite de 15% *ad valorem*, favorecendo a consolidação do comércio britânico nos mercados brasileiros. Enquanto isso, as principais exportações brasileiras eram sistematicamente excluídas do mercado britânico por tarifas fixadas em nível proibitivo. O próprio texto dos tratados negava de modo explícito a possibilidade de permitir a entrada na Inglaterra de exportações brasileiras que concorressem com produtos das colônias britânicas.¹ Enquanto o Brasil era forçado por esses acordos comerciais a seguir uma política tarifária liberal, a Inglaterra manteve uma orientação em que predominava o protecionismo até a década de 1840, com barreiras tarifárias protegendo da concorrência estrangeira não só as colônias e o setor agrícola, como também alguns setores mais atrasados da indústria.²

O objetivo deste trabalho é avaliar a importância do protecionismo britânico como obstáculo ao desenvolvimento das exportações brasileiras de açúcar e de café até 1850. De acordo com os dados disponíveis, o ritmo de expansão do setor exportador brasileiro foi, como se sabe, bem mais lento na primeira do que na segunda metade do século XIX.³ O artigo procura mostrar que a política tarifária da Inglaterra com relação às principais exportações brasileiras foi um dos fatores responsáveis por essa relativa estagnação.

A historiografia brasileira sobre o período limita-se, em geral, a afirmar em tese o provável efeito negativo das tarifas britânicas. Neste trabalho, a intenção básica foi discutir de modo concreto o impacto da política tarifária da Inglaterra. Além de algumas publicações contemporâneas, as principais fontes primárias utilizadas foram documentos oficiais britânicos, da House of Commons (*Parliamentary Papers*) e do Foreign Office (*Foreign Office Records*).

O trabalho começa por uma descrição da política tarifária da Inglaterra com relação ao açúcar e ao café na primeira metade do século XIX (item 2). A evolução do mercado britânico para esses produtos é analisada no item 3, onde se procura fazer uma primeira avaliação do impacto potencial de uma redução das tarifas sobre eles. Como a importância prática das restrições comerciais impostas pela Inglaterra teria que depender da eficiência relativa dos exportadores brasileiros, os itens 4 e 5 são dedicados a uma análise da capacidade de concorrência dos produtores brasileiros *vis-à-vis* dos principais produtores coloniais britânicos.

¹ House of Commons. *Parliamentary Papers* (P.P.), 1810-11, XI (523). Treaty of Commerce and Navigation of 1810. art. XX; P.P., 1828, XXVII (15). Treaty of Amity and Commerce of 1827. art. XXII.

² Sobre a evolução da política tarifária da Inglaterra nesse período veja, por exemplo. Deane (1965. p. 186-201); Mathias (1969); Platt (1972. p. 77).

³ IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil* (AEB). 1939/40. p. 1358-9.

2. Política tarifária da Inglaterra com relação ao açúcar e ao café

As colônias da Grã-Bretanha detiveram o monopólio do mercado britânico de açúcar e de café durante a maior parte da primeira metade do século XIX. Até a década de 1840, os gravames sobre o açúcar e o café estrangeiros eram suficientemente elevados para excluir do mercado britânico os concorrentes estrangeiros.⁴ O imposto diferencial sobre o açúcar estrangeiro, isto é, a tarifa adicional como proporção da tarifa aplicada ao açúcar colonial, aumentou de 122%, em 1809, para 163% em 1830, mantendo-se depois neste nível até 1844 (tabela 1). No caso do café, o imposto diferencial permaneceu ao nível de 150% entre 1820 e 1844⁵ (tabela 2).

Havia um contraste acentuado entre as tarifas aplicadas no Brasil às manufaturas inglesas e os gravames proibitivos lançados pela Inglaterra sobre as principais exportações brasileiras nesse período. Quando da assinatura do tratado de 1827, por exemplo, que confirmou o imposto de 15% *ad valorem* sobre as exportações britânicas para o Brasil, o açúcar brasileiro pagava na Grã-Bretanha um imposto equivalente a cerca de 180% *ad valorem*.⁶ Como se vê na tabela 3, nesse período o

Tabela 1
Impostos britânicos sobre açúcar não-refinado, 1809-1844
(com aproximação ao primeiro *penny* por cwt¹)

	Mascavo colonial (1) £ s. d.	Mascavo estrangeiro (2) £ s. d.	Imposto diferencial (em %) [(2) - (1)] ÷ (1)
1809-1829	1.7.0 a 1.10.0	3.0.0 a 3.3.0	110 a 133
1830-1840	1.4.0	3.3.0	163
1841-1844	1.5.2	3.6.2	163

Fontes: *Parliamentary Papers* (P.P.), 1831, XX (381), p. 289; P.P., 1862, XIII (390), p. 308.

¹ cwt: hundredweight, 112 libras.

⁴ Os impostos britânicos sobre o açúcar protegiam não apenas os produtores coloniais de açúcar bruto mas também os refinadores britânicos de açúcar contra todo açúcar refinado fora da Grã-Bretanha. Impostos proibitivos oneravam tanto o açúcar refinado em países estrangeiros como nas colônias, isto é, reduziam as colônias à produção de açúcar bruto. Curtin (1954, p. 158).

⁵ A partir de 1842, a diferencial em favor do café colonial reduziu-se de forma gradual até ser atingida igualdade completa em 1851. O diferencial em favor do açúcar foi eliminado gradativamente entre 1844 e 1854.

⁶ Em 1827, o valor unitário médio (FOB) do açúcar brasileiro era de 27 1/2 *shillings* (s.) por cwt (AEB. 1939/40. p. 1377). O custo total do transporte é estimado entre 5 e 9s. por cwt. (veja adiante, p. 32). O equivalente *ad valorem* do imposto sobre o café era ainda mais elevado. O valor médio das exportações de café brasileiro (FOB) era de 3 1/4 *pence* (d.) por libra em 1827 (cf. tabela 3).

Tabela 2
Impostos britânicos sobre café, 1814-1844
(com aproximação ao primeiro *penny* por libra)

	Café colonial britânico (1) d.	Café estrangeiro (2) d.	Imposto diferencial (em %) [(2) - (1)] ÷ (1)
1814-1819	8	29	263
1820-1824	12	30	150
1825-1841	6	15	150
1842-1843	4	8	100
1844	4	6	50

Fontes: *P.P.*, 1831-32, XX (381), p. 290-1; *P.P.* 1843, LII (439), p. 2.

equivalente *ad valorem* do imposto sobre o açúcar brasileiro era altíssimo e tendia a crescer à medida que os preços caíam e a taxa por cwt aumentava. No caso do café, o equivalente *ad valorem* da tarifa específica permaneceu acima de 300% até a década de 1840 (tabela 4).

Até 1842-1846, quando os impostos diferenciais sobre os produtos brasileiros começaram a ser reduzidos, o consumo britânico de açúcar e de café originários do Brasil permaneceu insignificante.⁷

3. Dimensões do mercado britânico de açúcar e de café e importância desses produtos para a economia brasileira de exportação

O caráter abertamente desigual das relações anglo-brasileiras causava profunda indignação no Brasil. Conscientes da importância que o mercado brasileiro adquirira, devido, em parte, às concessões e privilégios obtidos pela Inglaterra em 1810 e confirmados em 1827, os brasileiros queixavam-se com frequência da falta de reciprocidade comercial nas relações entre a Inglaterra e o Brasil nesse período. Em consequência do papel da agricultura de exportação como setor dinâmico da economia, da sua importância do ponto de vista fiscal e do poder político do setor exportador, o tratamento dispensado aos produtos brasileiros no mercado britânico constituía então um dos principais motivos da hostilidade brasileira com relação à Inglaterra.⁸

⁷ Entre 1831 e 1845, os produtores brasileiros forneceram em média apenas 162 cwt anuais de açúcar para consumo no Reino Unido. Nesse período, uma média de 3.980.000 cwt anuais de açúcar, quase inteiramente de origem colonial, foi importado para consumo no Reino Unido. *P.P.*, 1856, LV (210), p. 4,5; *P.P.*, LXXXV [8706], p. 221. As proporções para o café são análogas. Veja *P.P.*, 1843, LII (309), p. 2,3.

⁸ *Foreign Office Records* (F.O.), (1808-09) 63/59-68; *F.O.*, (1836-41) 13/131-171.

Tabela 3
Equivalente *ad valorem* dos impostos britânicos
sobre açúcar não-refinado brasileiro, 1821 a 1844-45
(anos selecionados)

	Valor médio das exportações brasileiras de açúcar (1)			Imposto sobre mascavo estrangeiro (2)			Equivalente <i>ad valorem</i> de (2) ¹ (em %)
	£	s.	d.	£	s.	d.	
1821	1	11	7	3	0	0	190
1825	1	10	4	3	3	0	208
1830		19	1	3	3	0	330
1834-35		15	5	3	3	0	409
1839-40		19	11	3	3	0	316
1844-45		13	11	3	6	2	475

Fontes: *Anuário Estatístico do Brasil*, 1939/40, p. 1377; *P.P.*, 1862, XIII (390), p. 308.

¹ Na verdade, o equivalente *ad valorem* teria de ser calculado em relação ao preço do açúcar brasileiro na Grã-Bretanha. As percentagens desta coluna tendem, portanto, a superestimar o equivalente *ad valorem* do imposto por cwt.

Tabela 4
Equivalente *ad valorem* dos impostos britânicos
sobre café brasileiro, 1821 a 1844-45
(anos selecionados)

	Valor médio das exportações brasileiras de café (d. por lb.) (1)		Imposto sobre o café estrangeiro (d. por lb.) (2)	Equivalente <i>ad valorem</i> de (2) (em %) (3)
1821	10		30	300
1825	5		15	300
1830	2 1 2		15	600
1834-35	4 1 2		15	333
1839-40	3 1 2		15	429
1844-45	2 1 4		6	266

Fontes: *AEB*, cit. p. 1377; e mesmas fontes da tabela 2.

É bastante compreensível a insatisfação do Brasil com os impostos proibitivos aplicados pela Grã-Bretanha contra produtos brasileiros. O comércio exterior brasileiro ocupava em geral uma posição melhor fora da Grã-Bretanha, em países que não tinham privilégios específicos no Brasil. Ironicamente, as restrições ao comér-

cio de exportação brasileiro eram impostas precisamente pelo país que conseguira assegurar-se uma posição privilegiada no Brasil. Os Estados Unidos da América e todos os outros países europeus, com a exceção da França, aplicavam tarifas moderadas aos produtos brasileiros.⁹ Mesmo as tarifas francesas eram razoáveis, comparadas às britânicas: na França, os artigos brasileiros pagavam um imposto superior em cerca de 1/3 ao de produtos similares oriundos das colônias francesas.¹⁰ A França, a Alemanha, a Bélgica e os EUA importavam grandes quantidades de produtos brasileiros, o que levava a Embaixada inglesa no Brasil a temer que o Governo brasileiro passasse a favorecer esses países ao invés da Grã-Bretanha, assim que expirasse o tratado anglo-brasileiro.¹¹

Deve-se ressaltar, além do mais, que a política restritiva da Inglaterra afetava produtos de significação capital na composição das exportações brasileiras (açúcar e café).¹² os únicos que vinham fazendo avanços significativos na época (tabela 5).¹³

Tabela 5
Composição das exportações brasileiras, 1821-1850
(em %)

Período	Açúcar	Café	Algodão	Couros e peles	Outras ¹	Total
1821-1830	30,1	18,4	20,6	13,6	17,3	100,0
1831-1840	24,0	43,8	10,8	7,9	13,5	100,0
1841-1850	26,7	41,4	7,5	8,5	15,9	100,0

Fonte: *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro, 1939/40. p. 1380.

¹ Tabaco, cacau, borracha, mate etc.

Depois de um longo período de estagnação, o último decênio do século XVIII conheceu um ressurgimento da cultura açucareira no Brasil. Uma fase de preços excepcionalmente altos, inaugurada pela acentuada redução da oferta devido à revolução no Haiti, levava ao aumento substancial da produção e da exportação

⁹ *P.P.*, 1840, V (601). Select Committee on Import Duties. Minutes of Evidence, Q. 907.

¹⁰ *F.O.*, 13/152, do encarregado de negócios Ouseley ao Primeiro-Ministro Palmerston, n. 22, Apr. 15, 1839.

¹¹ A eliminação das restrições às exportações brasileiras teria de ser contemplada se a Grã-Bretanha pretendesse conservar sua "ascendência e vantagens" no comércio com o Brasil. *F.O.*, 13/146, Ouseley to Palmerston (particular). Dec. 15, 1838.

¹² A Grã-Bretanha impunha pesados gravames a outros produtos brasileiros (por exemplo, cacau e rum). O artigo concentra-se, porém, no estudo dos dois principais produtos de exportação, ignorando os demais por serem de pouca importância do ponto de vista dos resultados globais.

¹³ Batista Jr. (1978, p. 9-12, 60).

nacionais.¹⁴ Em 1812, a produção de açúcar voltara a exceder os níveis observados no começo do século XVIII.¹⁵ Na primeira metade do século XIX, o açúcar continuou a ser de importância central para a economia brasileira, constituindo o núcleo da atividade econômica das principais províncias, na Bahia e em Pernambuco em especial, mas também no Rio de Janeiro até o advento do café. Em 1839, o Brasil era, depois das Índias Ocidentais britânicas e espanholas, o terceiro exportador mundial de açúcar, fornecendo cerca de 2.400.000 cwt, isto é, 13% de uma produção mundial estimada em 18.080.658 cwt de açúcar bruto.¹⁶

A exportação de café, pouco significativa durante o período colonial, começou a desenvolver-se nos primeiros decênios do século XIX, aumentando muito rapidamente em termos absolutos e adquirindo uma importância cada vez maior em relação às exportações brasileiras tradicionais. Já na década de 1830 (e não depois de 1850, como se afirma com frequência) o café figura como principal produto brasileiro de exportação, e o Governo central, no Rio de Janeiro, começava a sofrer a influência do setor cafeeiro em expansão.¹⁷ Segundo estimativas disponíveis, a participação do Brasil na produção mundial de café aumentou de forma contínua nesse período, passando de 18,8% em 1820-1829 para 29,7% em 1830-1839, e alcançando 40% na década de 1840.¹⁸ Em 1839, o Brasil, já o maior produtor mundial de café, exportava 134 milhões de libras do produto, ou seja, 37% de um total de cerca de 360 milhões de libras exportadas por todos os países.¹⁹

A dimensão do mercado britânico para esses produtos parecia justificar as expectativas quanto à significação, para o Brasil, de conseguir que fossem eliminados ou reduzidos os impostos diferenciais em favor dos produtores coloniais, ou seja, quanto ao impacto positivo potencial do abrandamento das restrições. O mercado para o açúcar na Grã-Bretanha era, sem dúvida, muito grande, tanto em relação às exportações brasileiras totais, como em comparação com outros mercados nacionais. Como se depreende da tabela 6, ao longo deste período o consumo britânico era duas ou três vezes maior do que as exportações brasileiras totais. Segundo Porter, um dos estatísticos ingleses mais conhecidos daquela época, o consumo *per capita* de açúcar era maior na Grã-Bretanha do que em qualquer outro país europeu.²⁰ O conhecimento desse fato dificultava ainda mais a aceitação por parte dos governantes e dos exportadores brasileiros da persistente

¹⁴ Pinto (1977. p. 128-9).

¹⁵ Normano (1939. p. 30).

¹⁶ P.P., 1840, VII (527), p. 600. Sugar trade of the world, 1839. Esse total não inclui o açúcar produzido para consumo interno na China, Índia, Espanha, Java e EUA.

¹⁷ Stein (1957. p. 64).

¹⁸ Normano (1939. p. 54).

¹⁹ P.P., 1840 VII (527), p. 601. Nesse ano o Brasil exportou uma quantidade de café sete vezes superior à exportada pelas Índias Ocidentais britânicas e a Índia britânica em conjunto.

²⁰ Porter (1912. p. 449).

Tabela 6
Açúcar: exportações brasileiras e o mercado britânico,
1821-1850

Anos	Quantidade de açúcar exportado do Brasil ¹ (em milhares de cwt) ² (A)	Dimensão do mercado britânico ³ (em milhares de cwt) (B)	(B) ÷ (A)
1821-1830	945	3.522	3,73
1831-1840	1.393	3.923	2,82
1841-1850	1.978	4.775	2,40

Fontes: *AEB*, cit. p. 1380; *P.P.*, 1898, LXXXV [C.8706], p. 221.

¹ Média anual para cada decênio.

² Quantidades originais em toneladas convertidas em cwt (1t = 19,7cwt).

³ Média anual retida para consumo doméstico no Reino Unido em cada decênio.

exclusão do açúcar brasileiro do mercado britânico.²¹ Embora o consumo *per capita* permanecesse constante até fins da década de 1840 (tabela 7), o mercado britânico de açúcar crescia de modo considerável em termos absolutos. O consumo total aumentou em quase 40% entre 1801-1814 e 1830-1834, permaneceu aproximadamente constante até 1844, e recomeçou a crescer em fins da década de 1840, em decorrência da liberalização tarifária (tabela 8). Além disso, o trata-

Tabela 7
Consumo *per capita* de açúcar no Reino Unido,
1800-1849

Período	Quantidade <i>per capita</i> retida para consumo doméstico ¹ (em libras)	Índice (1800-1809 = 100)
1800-1809	18,0	100
1810-1819	17,0	94
1820-1829	17,6	98
1830-1839	17,8	99
1840-1844	16,4	91
1845-1849	22,6	126

Fonte: DEER (1950. II, p. 532).

¹ Média anual do consumo *per capita* para cada período.

²¹ "De todos os mercados europeus, o nosso pode vir a ser o mais importante para o Brasil, e sua permanente exclusão do mesmo será, por conseguinte, ainda mais mortificante." Porter, G. R. *The Many sacrificed to the few, proved by the effects of the sugar monopoly* (1841. p. 23).

Tabela 8
Açúcar retido para consumo no Reino Unido,
1801-1849

Anos	Quantidade retida para consumo doméstico ¹ (em milhares de cwt)	Índice de consumo (1801-1814 = 100)
1801-1814	2,848 ²	100
1815-1819	2,855	100,3
1820-1824	3,386	118,9
1825-1829	3,658	128,5
1830-1834	3,942	138,4
1835-1839	3,903	137,1
1840-1844	3,936	138,2
1845-1849	5,614	197,2

Fonte: P.P., 1898, LXXXV [C.8706], p. 221.

¹ Média anual.

² Com exclusão do açúcar empregado na destilação de bebidas alcoólicas.

mento preferencial dado às colônias era em si mesmo uma limitação à expansão do mercado, que teria provavelmente aumentado em termos *per capita* se tivessem sido menos restritivos os impostos aplicados ao açúcar estrangeiro. Tentar-se-á mostrar que os produtores brasileiros teriam sido capazes de alcançar uma participação significativa num total que poderia ter sido ainda maior.²²

O mercado para café era, em comparação, muito menos importante. O maior obstáculo à difusão do café na Grã-Bretanha era a preferência por um produto alternativo — o chá. No começo do século XIX, a preferência pelo chá estava mais ou menos estabelecida, pois o consumo do café fora reprimido durante longo tempo por impostos exorbitantes cuja finalidade consciente era a de evitar a redução no comércio do chá,²³ monopólio da East India Company até 1833. A

²² A expansão do mercado britânico de açúcar viu-se prejudicada por uma série de restrições nesse período: a) a estagnação do padrão de vida das classes trabalhadoras (o nível geral de salários reais pouco ou nada progrediu até a década de 1840, e o aumento substancial da renda nacional real foi apropriado exclusiva ou quase exclusivamente pelos grupos de alta renda, com uma procura inelástica para produtos como açúcar); b) altos impostos e subsídios instituídos para o benefício de produtores coloniais (o sistema fiscal sufocava a concorrência no lado da oferta e estimulava-a no lado da procura); c) o elevado imposto sobre o açúcar *colonial* (sendo um artigo de pouco valor em relação ao volume, o açúcar não podia ser contrabandeado com facilidade e o equivalente *ad valorem* do imposto por cwt sobre o açúcar colonial permanecia alto por motivos fiscais); d) preços elevados de produtos complementares como chá e café, muito onerados de impostos. O crescimento do mercado em termos absolutos deve-se provavelmente ao crescimento populacional, pois não há razão para presumir uma alteração nas preferências dos consumidores.

²³ Ragatz (1927. p. 10). Na época da Independência dos EUA, os impostos sobre o café representavam quase o quádruplo do valor do produto. Ragatz (1963. p. 42).

expansão do mercado de café também foi dificultada, como no caso do açúcar, pelo tratamento preferencial concedido às colônias,²⁴ pelos altos impostos sobre o café colonial, pelo custo elevado de produtos complementares, e pela evolução do padrão de vida da classe operária nesse período.²⁵

Todavia, a procura do café crescia rapidamente e se mostrava muito sensível a mudanças nas tarifas. No final do século XVIII, a produção do café na Jamaica sofreu enorme expansão como resultado de uma redução no imposto britânico sobre o café colonial. Em 1808, nova redução na tarifa voltou a provocar considerável aumento no consumo, interrompido e em parte invertido, contudo, por uma elevação do imposto em 1819. Depois que a tarifa foi reduzida à metade em 1825, o consumo doméstico triplicou em poucos anos e continuou a crescer firmemente a partir de então.²⁶ A tabela 9 mostra que o consumo total aumentou em 269% entre 1815-1819 e 1840-1844, tendendo a variar em função de alterações na tarifa sobre o café colonial. O consumo na Grã-Bretanha estava crescendo não apenas em termos absolutos mas também em termos *per capita*, (172%), passando de uma média anual de 0,4 libra em 1815-1819 a 1,09 libra em 1840-1844 (tabela 10). Nesse período, o consumo de café também estava crescendo em importância com relação ao do chá, que permaneceu mais ou menos constante em termos *per capita*

Tabela 9
Café retido para consumo no Reino Unido,
1801-1844

Anos	Quantidade retida para consumo doméstico ¹ (em milhares de libras)	Índice de consumo (1815-1819 = 100)	Imposto sobre o café colonial (d. por lb.)
1815-1819	7.969	100	7 3/4
1820-1824	7.817	98	12
1825-1829	15.291	192	6
1830-1834	22.973	288	6
1835-1839	25.429	319	6
1840-1844	29.377	369	6 3/10
			a partir de 1842: 4 d.

Fontes: *P.P.*, 1831-32, XX (381), p. 291; *P.P.*, 1843, LII (439), p. 2; Porter, G.R. *The progress of the nation*. London, p. 560.

¹ Média anual.

²⁴ O impacto dos altos impostos sobre o açúcar e o café estrangeiros em diferentes períodos será abordado mais adiante.

²⁵ Taylor (1975), *passim*; Hobsbawm (1964. cap. 5 a 7).

²⁶ Ragatz. *The fall* ... cit. p. 42, 382; *Statistics* ... cit. p. 10.

Tabela 10
Consumo *per capita* de café no Reino Unido,
1801-1849

Anos	Quantidade <i>per capita</i> retida para consumo doméstico ¹ (em libras)	Índice (1801-1814 = 100)
1801-1814 ²	0,31	100
1815-1819	0,40	129
1820-1824	0,37	119
1825-1829	0,67	216
1830-1834	0,94	303
1835-1839	0,99	319
1840-1844	1,09	352
1845-1849	1,29	416

Fonte: Mitchel & Deane. op. cit. p. 355-6.

¹ Média anual do consumo *per capita* para cada período.

² Grã-Bretanha.

até o final da década de 1840.²⁷ Embora pequeno em comparação com o mercado de açúcar ou de chá, o consumo britânico de café representava entre 15 a 30% da exportação total brasileira nesse período (tabela 11).

Tabela 11
Café: exportações brasileiras e o mercado britânico,
1821-1845

Anos	Quantidade de café exportado do Brasil ¹ (em milhares de libras) ² (A)	Dimensão do mercado britânico ³ (em milhares de libras) (B)	(B) ÷ (A)
1821-1830	42.037	13.107	0,32
1831-1840	128.890	24.800	0,19
1841-1845	188.149 ⁴	30.508	0,16

Fontes: Tabela 7; *Anuário*, cit. p. 1374, 1380.

¹ Média anual em cada período.

² Quantidades originais em sacos de 60k convertidas em lb. (1k = 2,2046 lb.).

³ Média anual retida para consumo doméstico no Reino Unido em cada período.

⁴ 1840-41 a 1844-45.

²⁷ Mitchel & Deane, (1962. p. 355-6). Em meados do século XIX (1830-1880), o consumo *per capita* de café no Reino Unido alcançou níveis sem precedentes e foi também maior do que nos decênios subseqüentes (1880-1914). Id. *ibid.* p. 356-7.

O mercado britânico de açúcar, e mesmo o do café, eram, pois, relativamente amplos e dinâmicos, apesar das restrições tarifárias. Quando se examina a influência positiva potencial de uma reciprocidade maior nas relações anglo-brasileiras, é preciso, contudo, levar em consideração não apenas as *dimensões efetivas* do mercado britânico mas também o *efeito dinâmico* que teriam um imposto diferencial menor e uma política tarifária menos restritiva.

4. A capacidade de concorrência do açúcar e do café brasileiros, 1815-1833

Até agora vimos que a hostilidade do Brasil em face das sistemáticas restrições impostas ao seu comércio exterior no mercado britânico se justificava na medida em que: a) essas restrições estavam sendo impostas por um país que conseguira privilégios exclusivos no Brasil; b) os produtos afetados tinham importância crucial para o desempenho da economia brasileira de exportação; c) a dimensão relativa do mercado britânico parecia indicar que uma redução nos impostos diferenciais poderia ter um impacto favorável e significativo sobre as exportações brasileiras.

É preciso demonstrar, porém, que as reivindicações brasileiras tinham fundamento real: até que ponto a proteção dos interesses coloniais contra concorrentes brasileiros e de outras nacionalidades possuía significação prática nesse período? No caso de um tratamento mais favorável, os produtores brasileiros teriam sido capazes de conquistar uma fatia significativa do mercado britânico? Nesse período, as Índias Ocidentais, isto é, as colônias britânicas na região do Caribe (Jamaica, Trinidad, Demerara, Barbados, Antígua, Dominica, St. Kitts, St. Vicent e outras) forneciam a maior parte do açúcar e do café importados e consumidos pela Grã-Bretanha. Como se vê na tabela 12, entre 1801 e 1840, mais de 90% do total do açúcar colonial importado pelo Reino Unido provinha das

Tabela 12
Origem do açúcar colonial importado pelo Reino Unido,
1801-1840
(em milhares de cwt)

Anos	Índias Ocidentais britânicas (1)	Índia Oriental e Maurício (2)	Total (3)	(1) ÷ (3) (em %)
1801-1810	36.034	770	36.804	98
1811-1820	36.913	1.236	38.149	97
1821-1830	38.484	3.600	42.084	91
1831-1840	34.426	7.921	42.347	81

Fonte: Calculado a partir de informações publicadas em *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 556.

Índias Ocidentais. No mesmo período, as colônias dessa região forneceram mais de 80% do total do café colonial importado pelo Reino Unido (tabela 13).²⁸ O significado real das tarifas proibitivas impostas aos produtos brasileiros até a década de 1840 dependia, portanto, da capacidade de concorrência dos produtores brasileiros *vis-à-vis* dos produtores antilhanos. Veremos que a primeira metade do século XIX foi uma época de crise política e econômica para as Índias Ocidentais britânicas, e que, nesse contexto, a proteção sistemática contra os concorrentes brasileiros e outros concorrentes estrangeiros assumia significação prática, tornando-se, na verdade, de importância capital para os produtores antilhanos.

Tabela 13
Origem do café colonial importado pelo Reino Unido,
1814-1840
(em milhares de libras)

Anos	Índias Ocidentais britânicas (1)	Índia Oriental* (2)	Total (3)	(1) ÷ (3) (em %)
1814-1820	238.975	80.260	319.235	75
1821-1830	284.693	52.955	301.648	94
1831-1840	175.755	42.370	218.125	81

Fontes: *P.P.*, 1831-32, XX (381), p. 290; *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 568.

* Inclusive café produzido no estrangeiro e reexportado de possessões britânicas nas Índias Orientais.

4.1 *A crise das Índias Ocidentais britânicas*

Do ponto de vista econômico e político, as Índias Ocidentais eram uma das regiões mais importantes do Império Britânico no século XVIII. No seu auge, em meados do século XVIII, o poderio antilhano baseava-se num sistema de relações econômicas cujos elementos principais eram: a) a concentração da propriedade e das unidades de produção sob o regime de grandes lavouras; b) a contínua importação de escravos da África; c) o fornecimento de suprimentos baratos pela América do Norte britânica; d) o monopólio do crescente mercado britânico para produtos

²⁸ Essa preponderância devia-se, em parte, ao fato de que as Índias Ocidentais eram protegidas não apenas contra a concorrência estrangeira, como também contra a de outras colônias britânicas. No caso do açúcar, o imposto diferencial em favor das Índias Ocidentais foi mantido até 1825 contra o açúcar colonial da Ilha de Maurício, e até 1836 contra o da Índia Oriental. Quanto ao café, a preferência em favor das Índias Ocidentais durou até 1835. *P.P.*, 1862, XIII (390), p. 308; *P.P.*, 1843, LII (439), p. 2.

tropicais.²⁹ Depois de 1750, contudo, a história começou a voltar-se contra as Índias Ocidentais. Um após outro, os elementos fundamentais da prosperidade antilhana foram anulados ou debilitados pela ação de diversas circunstâncias desfavoráveis. A Guerra da Independência norte-americana inaugurou um longo período de restrições e de interrupções no comércio anglo-americano, que prejudicou as Índias Ocidentais na medida em que resultou em aumento do custo dos suprimentos e diminuição do mercado para seus produtos.³⁰ Além disso, a eficiência do sistema de grandes lavouras nas Antilhas começou a ser minada pela generalização do absenteísmo após 1750. Possibilitado por um surto de prosperidade sem precedentes em meados do século XVIII, o absenteísmo provocou uma grave evasão de recursos da colônia para o exterior, a estagnação técnica e um desperdício notório de suprimentos. Agravou, também, a perigosa desproporção entre as populações branca e escrava nas ilhas e enfraqueceu as camadas dirigentes da sociedade antilhana.³¹ Na Grã-Bretanha, a Revolução Industrial começou a criar novos centros de poder econômico e político que se mostraram hostis a grupos dominantes tradicionais, como os vinculados à produção, ao transporte e ao financiamento de produtos coloniais. Aos olhos da classe média urbana, o poder dos monopolistas das Índias Ocidentais, baseado no tráfico e no trabalho de escravos, constituía um obstáculo ao progresso econômico e moral da nação.³²

Em 1807, a Grã-Bretanha decidiu abolir o tráfico negreiro para suas colônias, medida que já refletia uma mudança no equilíbrio político no país.³³ Essa decisão não podia deixar de exercer forte impacto na capacidade de concorrência de uma economia já enfraquecida pelo absenteísmo e pelas restrições no comércio com os EUA.³⁴ Como acontece em geral nas economias baseadas no trabalho escravo, a

²⁹ Ragatz (1928. p. 2); Sheridan (1961. p. 539).

³⁰ *P.P.*, 1831-32, XX (381). Report from the Select Committee on the Commercial State of the West India Colonies. (House of Commons). p. 6; Guillebaud (1940. p. 479-80); Sheridan. op. cit. p. 539.

³¹ Guillebaud. op. cit. p. 484-5; Ragatz. op. cit. p. 15-20.

³² Williams (1964) *passim*.

³³ Historiadores conservadores costumam ver essa medida como resultado da emergência de uma "consciência humanitária" e da campanha movida na Inglaterra contra a escravidão desde a década de 1780. Mas a abolição do tráfico de escravos só pode ser bem compreendida quando vista como decorrência de mudanças estruturais a longo prazo na sociedade econômica britânica e do declínio relativo das Índias Ocidentais como fonte de riqueza e poder. Ademais, depois da revolução haitiana de 1791, a Grã-Bretanha deve ter-se dado conta do perigo que representava a manutenção do tráfico e o crescimento incontrolado da população escrava em termos absolutos e em relação à população total das colônias do Caribe. A medida também foi facilitada por um fator de ordem conjuntural: no contexto de uma crise de superprodução, a abolição do tráfico negreiro foi apoiada até mesmo por algumas das ilhas antilhanas, isto é, por aquelas que já possuíam um número excessivo de escravos e que nada teriam a ganhar com a expansão adicional da capacidade de produção. Williams. op. cit. p. 166,167; Bethell (1969. p. 115).

³⁴ A importação de escravos pelas Índias Ocidentais prosseguiu até 1811, quando o tráfico foi efetivamente eliminado. Na Ilha de Maurício, o contrabando de escravos continuou em larga escala até 1818. Mathieson (1940. p. 309-10, 315-6).

agricultura nas Índias Ocidentais dificilmente poderia sobreviver a longo prazo sem a possibilidade da contínua renovação de sua força de trabalho mediante a importação de escravos.³⁵ Tendo em vista a preponderância de escravos do sexo masculino e as condições desumanas de vida e de trabalho, o número deles tendia a diminuir na falta de uma fonte externa de crescimento populacional. Apesar das tentativas de estimular o crescimento demográfico natural, o seu número caiu de maneira drástica em onze ilhas, passando de 558.194 em 1817 para 497.975 em 1829.³⁶

Nesse período, as Índias Ocidentais demonstravam clara ineficiência em comparação com o Brasil e outros concorrentes estrangeiros que continuavam a ter acesso ao tráfico de escravos. O custo médio de produção deve ter sido muito inferior nas lavouras do Brasil e de Cuba, onde os trabalhadores eram obtidos com menor despesa e a produção podia ser realizada com uma proporção maior de escravos efetivamente ativos.³⁷ Na Inglaterra, os porta-vozes das Índias Ocidentais afirmavam que as despesas necessárias à criação de um escravo representavam aproximadamente o dobro do que custava importar um escravo da África. Diziam que, para sustentar um escravo até 14 anos, quando seu trabalho começava a render mais do que as despesas de manutenção, um proprietário jamaicano gastava £80 (inclusive gastos de manutenção além do valor do trabalho, perda do trabalho materno, cuidados médicos, seguro e juros durante 14 anos), enquanto um proprietário brasileiro podia conseguir um escravo por £30 a £40.³⁸

O efeito negativo resultante da abolição do tráfico negreiro não era compensado por vantagens naturais ou por superioridade técnica com relação aos concorrentes estrangeiros. Nas Índias Ocidentais os métodos de produção, ao contrário, haviam permanecido muito rudimentares.³⁹ L. J. Ragatz observa que “no princípio do século XIX a produção de açúcar continuava a se realizar do mesmo modo que 150 anos antes”.⁴⁰ Os progressos da agricultura e a revolução industrial que ocorriam na Grã-Bretanha nesse período não tiveram aparentemente o menor impacto nas Índias Ocidentais. A adoção da máquina a vapor, já comum na Grã-

³⁵ Guillebaud. op. cit. p. 477.

³⁶ Sheridan. op. cit. p. 541. Antes de 1807, as perdas anuais de vidas eram calculadas em 2,25%. Entre 1818 e 1824, a população escrava continuou a diminuir numa taxa anual média de 0,625%. Mathieson. op. cit. p. 314.

³⁷ P.P., 1831-32, XX (381). Report ... on the West India Colonies. p. 15-7; Minutes of evidence. Q. 272-274.

³⁸ MacDonnell (1828. p. 132-5). Veja em Sheridan (op. cit. p. 540-1) uma comparação similar com Cuba. Uma Comissão Parlamentar, convocada em 1832 para examinar a situação econômica das Índias Ocidentais, acreditava que havia certa margem de exagero nas estimativas dos antilhanos quanto aos prejuízos causados pelo decreto de 1807. Todavia, a comissão concluiu que a abolição do tráfico de escravos causara sérios danos à capacidade de concorrência das Índias Ocidentais. P.P., 1831-32, XX (381); Report ... on the West India colonies. cit. p. 15-7.

³⁹ Guillebaud. op. cit. p. 485; Curtin. op. cit. p. 158.

⁴⁰ Ragatz (1963. p. 57).

Bretanha, era acontecimento raro: o uso de animais continuava sendo o recurso típico para a moagem de cana.⁴¹ Era pouco ou inexistente o investimento em maquinaria destinada a poupar mão-de-obra, em fertilizantes ou em outras melhorias. Métodos antiquados de cultivo provocavam a exaustão do solo, ou seja, a destruição de um recurso (a terra) que, dadas as dimensões geográficas das colônias britânicas no Caribe, era, em última instância, escasso.⁴² Numa colônia mais antiga como a Jamaica, onde os solos já estavam a esta altura esgotados para o cultivo do açúcar e do café, a produção açucareira começou a cair a partir de 1815, ao contrário do que aconteceu na maioria das colônias, onde a queda da produção só veio a ocorrer quando da abolição da escravidão em 1833.⁴³

Durante as guerras napoleônicas, o fornecimento de produtos coloniais (açúcar, café, chá etc.) para a Europa estivera sob o controle quase total da Grã-Bretanha. Cerca de metade da quantidade de açúcar importado pela Grã-Bretanha era reexportada para o continente europeu, onde a procura não fora seriamente afetada pelo bloqueio imposto por Napoleão.⁴⁴ Depois de 1815, porém, o comércio britânico de reexportação de açúcar e café começou a sofrer séria concorrência de fontes alternativas de fornecimento, e a reexportação de produtos das Índias Ocidentais praticamente desapareceu no espaço de 15 anos. Em 1814, a Grã-Bretanha reexportara 430.817 cwt de açúcar bruto produzido nas suas colônias do Caribe. Dezessete anos mais tarde, a quantidade reexportada caíra para apenas 10.800 cwt. Entre 1815-1819 e 1825-1829, as exportações britânicas de açúcar refinado (reduzidas à quantidade equivalente de açúcar bruto)⁴⁵ diminuíram cerca de 1/3 — de 5.093.943 para 3.416.415 cwt (tabela 14). As reexportações de café das Índias Ocidentais também sofreram uma redução drástica, passando de um total de 67.270.000 libras em 1814 para apenas 2.139.000 libras em 1831 (tabela 15). Entre 1815 e 1830, a reexportação como proporção das importações britânicas totais de açúcar e de café coloniais caiu de 38 para 25% no caso do açúcar (bruto e refinado), e de 99 para 36% no caso do café.⁴⁶

⁴¹ Id. *ibid.* p. 61-3.

⁴² Id. *ibid.* p. 60. Mesmo depois da emancipação dos escravos (1833-1838), foi lenta a introdução de inovações técnicas, prevalecendo métodos tradicionais. Id. *ibid.* p. 59; Guillebaud. *op. cit.* p. 506.

⁴³ Guillebaud. *op. cit.* p. 504.

⁴⁴ Rose, J. Holland. (1940. p. 107-11).

⁴⁵ Os coeficientes oficiais utilizados para converter açúcar refinado na quantidade equivalente de açúcar bruto não refletem com precisão a equivalência real. Em consequência do progresso técnico, parece ter havido nesse período uma redução considerável na quantidade de açúcar bruto necessária para produzir determinado volume de açúcar refinado (veja adiante, p. 221). Por conseguinte, as cifras acima provavelmente subestimam o declínio das reexportações britânicas de açúcar na época. Segundo outra fonte, as exportações de açúcar refinado caíram de 69.000 *hogsheads* (1 *hogshead* = 286,4 litros) em 1818 para 32.004 *hogsheads* em 1827 (ou seja, 53,6%). MacDonnell. *op. cit.* p. 218-9.

⁴⁶ Calculado a partir de dados publicados em *P.P.*, 1831-32, XX (381), p. 288-91.

Tabela 14
Reexportação de açúcar colonial do Reino Unido,
1814-1831 (em cwt)

Anos	Açúcar bruto segundo origem		Açúcar refinado britânico (reduzido à quantidade equivalente de açúcar bruto)	Exportação total de açúcar bruto e refinado
	Índias Ocidentais	Índia Oriental e Maurício		
1814	430.817	41.083	897.347	1.369.247
1815	385.761	67.665	994.025	1.447.451
1816	234.996	101.581	953.314	1.289.891
1817	142.571	95.218	1.141.724	1.379.513
1818	98.512	109.952	1.157.082	1.365.546
1819	58.913	87.587	847.798	994.298
1820	77.057	185.068	1.098.616	1.360.741
1821	9.851	144.332	1.022.731	1.176.914
1822	10.657	98.277	561.206	670.140
1823	11.231	104.796	677.593	793.620
1824	8.836	146.358	640.054	795.248
1825	11.529	58.218	549.782	619.529
1826	102.297	92.203	586.172	780.672
1827	40.931	110.559	695.402	846.892
1828	50.586	160.531	776.624	987.741
1829	16.467	108.495	808.435	933.397
1830	13.355	131.796	1.032.886	1.178.037
1831	10.800	122.276	989.120	1.122.196

Fonte: *P.P.*, 1831-32, XX (381), p.288.

O declínio acelerado das reexportações britânicas de produtos coloniais foi, em grande parte, consequência direta da enorme expansão das exportações de açúcar e de café brasileiros para o continente europeu. Depois de 1815, produtos do Brasil, de Cuba e de outras regiões eram exportados a baixo custo e em grande escala para a Europa.⁴⁷ Os produtores coloniais britânicos passaram a depender cada vez mais do mercado doméstico protegido, à medida que os preços no continente tendiam a baixar para o nível em que os fornecedores estrangeiros estavam

⁴⁷ *P.P.*, 1898, LXXXV (C.8706), p. 209.

Tabela 15
Reexportações de café colonial do Reino Unido,
1814-1831 (em milhares de libras)

Anos	Índias Ocidentais britânicas	Índia Oriental	Total
1814	67.270	9.095	76.365
1815	47.884	17.512	65.396
1816	41.446	18.527	59.973
1817	26.803	13.647	40.450
1818	27.400	7.412	34.812
1819	22.077	6.166	28.243
1820	23.997	4.307	28.304
1821	18.839	3.527	22.366
1822	22.380	3.600	25.980
1823	17.909	2.129	20.038
1824	24.825	4.718	29.543
1825	11.579	2.679	14.258
1826	14.387	5.670	20.057
1827	12.442	4.655	17.097
1828	12.689	5.085	17.774
1829	8.093	7.474	15.567
1830	7.232	5.188	12.420
1831	2.139	6.525	8.664

Fonte: *P.P.*, 1831-32, XX (381), p. 290.

dispostos a vender seus produtos.⁴⁸ De 1815 a 1830, as exportações de açúcar do Brasil para o continente aumentaram quase cinco vezes, de 18.862 para 90.000 caixotes.⁴⁹ As exportações de açúcar brasileiro para a Antuérpia tiveram um acréscimo de 182%, de 2.350 arcas e caixas em 1825 para 6.631 em 1829. No mesmo período, as importações russas de açúcar brasileiro elevaram-se de 217.039 para 415.287 *poods* (*pood*, medida russa equivalente a 36 libras).⁵⁰ Do mesmo

⁴⁸ A ligação entre o rápido crescimento das exportações brasileiras e cubanas e o declínio das reexportações britânicas de açúcar e café é confirmada por várias fontes. Veja *P.P.*, 1831-32, XX (381), Report . . . on the West India colonies. p. 5. Minutes of evidence. Q. 14, 272-273, 1173; *P.P.* 1830-31, IX (120). Statements relating to the State of the West India colonies since 19.5.1831 (Statement procured at the Counting-house of Reid, Irving and Co., n. 5). Segundo Ragatz, "os consumidores do continente procuravam cada vez mais os produtos mais baratos de outras áreas tropicais. O desenvolvimento de Cuba e do Brasil, iniciado no período de preços altos inaugurado pela Revolução Francesa, ocorreu a um ritmo espantoso". Ragatz, (1963. p. 337). Veja também Clapham (1940. p. 228-9).

⁴⁹ Caixotes de 15cwt. *P.P.*, 1831-32, XX (381). Minutes of evidence before the Select Committee on the West India colonies. Q. 15.

⁵⁰ *P.P.*, 1830-31, IX (120), Statements . . . since 19.5.1831. V., Digest. p. 560.

modo, entre 1819 e 1827, as exportações brasileiras de açúcar para Hamburgo e Bremen aumentaram de 146% e 91%, respectivamente.⁵¹ Durante a guerra, a produção de café na Jamaica crescera de forma considerável, sendo que o destino final de grande parte da produção era o continente europeu. Mas, na década de 1820, sob o impacto da concorrência brasileira e cubana, os preços caíram rapidamente e o café das Índias Ocidentais britânicas foi expulso do mercado continental.⁵²

O êxito dos produtores brasileiros na concorrência contra as colônias britânicas devia-se a várias circunstâncias favoráveis. Além da importante vantagem representada pelo tráfico de escravos, a que os proprietários brasileiros puderam recorrer, na prática, até 1850, havia a vantagem adicional de uma oferta quase ilimitada de terras férteis, em contraste com os solos esgotados das pequenas colônias britânicas no Caribe.⁵³ Por outro lado, o absenteísmo, prática generalizada nas Índias Ocidentais e constante fonte de enfraquecimento, era muito raro no Brasil, onde os proprietários em geral moravam em suas terras a maior parte do ano.⁵⁴ O crescimento das exportações brasileiras também foi incentivado pela acentuada desvalorização da moeda brasileira, particularmente na década de 1820 (tabela 16).⁵⁵

O enfraquecimento das Índias Ocidentais em relação aos concorrentes estrangeiros evidencia-se claramente pelo fato de que o significativo declínio das reexportações ocorreu apesar da existência de um *considerável subsídio* em favor do açúcar antilhano.⁵⁶ O preço do açúcar britânico para o consumidor estrangeiro era pago em parte por uma subvenção do Tesouro britânico.⁵⁷ Os direitos alfande-

⁵¹ As exportações para Hamburgo aumentaram de 20.155 para 49.617 arcas e caixas. As exportações para Bremen, de 1.465 para 2.805. MacDonnell. op. cit. p. 139.

⁵² Guillebaud. op. cit. p. 482; Ragatz (1963. p. 372, 373).

⁵³ O "solo rico e profundo de Cuba e do Brasil (...) não exigia fertilização e dava enorme rendimento em troca de pequeno esforço, tal como as antigas ilhas das Índias Ocidentais em seu estado selvagem um século antes, ou em períodos anteriores mas não em épocas recentes". Ragatz, *The Fall*... cit. p. 337; Clapham. op. cit. p. 228. Ao analisar a crise da economia antilhana, a Comissão Parlamentar de 1832, embora estivesse mais preocupada com as causas decorrentes das restrições impostas às colônias pela legislação britânica (abolição do tráfico de escravos, restrições comerciais etc.), enfatizou que, ao considerar se as Índias Ocidentais mereciam outras medidas de ajuda, era necessário levar em conta "acima de tudo a falta de provas que permitam constatar se a superioridade dos produtores estrangeiros não se deve, numa escala maior do que se tem reconhecido, a causas naturais (...)" *P.P.*, 1831-32, XX (381). Report... cit. p. 3-17.

⁵⁴ *P.P.*, 1831-32, XX (381). Minutes of evidence. Q. 2118-2119, 2593-2596. *P.P.*, 1830-31, IX (120). Statements... since 19.5.1831 (Statement n. 23), p. 512.

⁵⁵ Além disso, a redistribuição das colônias a favor da Grã-Bretanha durante as guerras napoleônicas criara um contexto mais favorável para as exportações brasileiras na Europa. Ao privar de modo permanente alguns países das suas fontes coloniais, essa redistribuição abriu novos mercados para o Brasil na Europa.

⁵⁶ Lippman (1942. p. 393).

⁵⁷ *P.P.*, 1898, LXXXV (C. 8706), p. 209.

Tabela 16
Taxa de câmbio no Rio de Janeiro, 1822-1850

Anos	Por libra esterlina	Índice (1822 = 100)
1822	4\$898	100
1824	4\$974	102
1826	4\$987	102
1828	7\$726	158
1830	10\$521	215
1832	6\$295	129
1834	6\$275	128
1836	6\$244	127
1838	8\$552	175
1840	7\$742	158
1842	8\$951	183
1844	9\$529	195
1846	8\$910	182
1848	9\$600	196
1850	8\$348	170

Fonte: AEB. cit. p. 1353.

gários devolvidos (*drawback*) aos reexportadores de açúcar refinado eram calculados com base na relação presumida entre o açúcar bruto e o refinado, mas como o progresso técnico da refinação aumentara a quantidade de açúcar refinado produzido com determinada quantidade de açúcar bruto, o *drawback* havia-se transformado num incentivo considerável. Experimentos conduzidos em 1833 concluíram que o *drawback* sobre o açúcar reexportado representava, de fato, um subsídio de 10s. 10d. por cwt.⁵⁸ Sem esse subsídio, o declínio nas reexportações britânicas de açúcar teria sido sem dúvida ainda maior.⁵⁹

Na década de 1820, isto é, mesmo *antes* da abolição da escravatura nas colônias britânicas, as Índias Ocidentais haviam-se tornado, portanto, incapazes de enfrentar a concorrência aberta do Brasil e de outros produtores de bens tropicais. Embora continuassem a responder por quase todo o fornecimento de açúcar e de café para a Grã-Bretanha até a década de 1830,⁶⁰ nos outros mercados elas foram perdendo terreno de forma contínua para o Brasil, Cuba e outros fornecedores.

⁵⁸ Deerr (1950. p. 501). Em 1833, o açúcar mascavo antilhano era vendido em média por 29s. 8d. por cwt. O subsídio foi estimado em apenas 3s. por uma testemunha convocada pela Comissão Parlamentar de 1832. *P.P.*, 1831-32, XX (381), Minutes of evidence, Q. 2263.

⁵⁹ Depois de 1833, foi permitido aos refinadores britânicos trabalhar com açúcar estrangeiro sem pagar direitos alfandegários. *P.P.*, 1898, LXXXV (C. 8706), p. 209; Deerr. op. cit. p. 501.

⁶⁰ Tabelas 12 e 13.

Em consequência de problemas estruturais, as Índias Ocidentais foram ficando cada vez mais dependentes do mercado britânico protegido.

4.2 *O impacto das tarifas sobre os preços*

Como vimos, porém, a expansão do mercado britânico para os produtos em questão via-se prejudicada, na época, por uma série de fatores negativos.⁶¹ O aumento do consumo na Grã-Bretanha não foi suficiente para compensar o rápido declínio do comércio de reexportação nesse período.⁶² No caso do açúcar, de longe o mais importante produto de exportação das Índias Ocidentais, o consumo permanecia mais ou menos constante em termos *per capita*, ao mesmo tempo em que se verificava uma substancial expansão na produção, consequência da anexação ao sistema colonial britânico de territórios conquistados durante a guerra (Trinidad, Tobago, Sta. Lucia, Guiana Britânica e Maurício).⁶³ Por isso, apesar da proteção sistemática contra a concorrência estrangeira, o preço do açúcar na Grã-Bretanha, indicador básico da prosperidade das Índias Ocidentais, caiu drasticamente depois de 1815, alcançando seu ponto mais baixo em 1831. O preço do açúcar mascavo das Índias Ocidentais (exclusive tarifa) decresceu de uma média de 52s. 6d. por cwt em 1815-1818 para 23s. 8d. em 1831.⁶⁴ A lucratividade das lavouras das Índias Ocidentais parece ter sofrido baixa considerável nesse período, à medida que os preços caíam em relação aos custos de produção. Nos anos imediatamente anteriores à abolição da escravidão, a maioria das lavouras parecia operar com resultados negativos.⁶⁵ Entre 1815 e 1833, grande número de propriedades das Índias Ocidentais passou para as mãos de credores, o que contribuiu para agravar o problema do absenteísmo.⁶⁶

Nesse contexto, era possível sustentar que o protecionismo estava trazendo poucos benefícios práticos para as Índias Ocidentais. Os adversários das Índias Ocidentais no Parlamento, liderados por David Ricardo e William Huskisson, sustentavam que a existência de um “excedente exportável” era prova de que o preço do açúcar na Grã-Bretanha não podia ser maior do que o preço no exterior, ou seja, de que o protecionismo exercia pouco ou nenhum impacto em termos de diferenciais de preço, sendo, portanto, inútil. No jogo das forças de mercado, o

⁶¹ Veja p. 211 e 212.

⁶² Cf. Tabelas 8 e 14.

⁶³ *P.P.*, 1831-32, XX (381). Report . . . on the West India colonies. cit. p. 5, 15.

⁶⁴ *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 3. O preço do café, importante cultura secundária em algumas ilhas, baixou muito na década de 1820, de 122-155s. por cwt em 1820 para 40-83s. por cwt em 1830 (preço do café colonial britânico de qualidade superior, sem imposto). Tooke & Newmarch (1928. p. 399).

⁶⁵ *P.P.*, 1831-32, XX (381). Report . . . on the West India colonies. cit. p. 1-3; Guillebaud. op. cit. p. 478.

⁶⁶ Ragatz. (1928. p. 1).

açúcar na Grã-Bretanha tenderia a ser vendido ao preço do açúcar embarcado para o estrangeiro.⁶⁷ E como o açúcar reexportado era vendido ao nível de preço fixado pela concorrência brasileira e cubana (descontando-se as diferenças de qualidade e de grau de refinação), Ricardo argumentava que a proteção tarifária não podia ocasionar qualquer diferença significativa entre os preços do açúcar colonial no mercado britânico e no estrangeiro. Em outras palavras, o preço do açúcar na Grã-Bretanha parece ter sido determinado pelo preço praticado por produtores estrangeiros de baixo custo em outros mercados europeus.⁶⁸ Com efeito, os dados disponíveis para os anos de 1821 a 1830 indicam apenas pequena diferença (6d. por cwt) entre os preços médios do açúcar mascavo das Índias Ocidentais e do açúcar cubano de qualidade similar ⁶⁹ (tabela 17).⁷⁰

Seria errôneo, todavia, afirmar que a proteção tarifária não teve qualquer importância prática no período.

Na intenção de obter privilégios adicionais, os antilhanos, de fato, queixavam-se repetidamente de que a proteção não lhes trazia vantagens práticas. Entretanto, quando se colocava a possibilidade de perder a posição monopolística, a sua resistência era sempre acirrada. Por exemplo, a entrada do açúcar da ilha de Maurício em condições de igualdade com o das Índias Ocidentais foi adiada até 1825 devido à oposição dos antilhanos.⁷¹ Observe-se que, apesar dos fretes mais elevados, depois da equalização das tarifas, as importações britânicas de açúcar de

⁶⁷ Sem considerar as diferenças de qualidade e o custo adicional do transporte para a Europa.

⁶⁸ *P.P.*, 1830-31, IX (120). Statements... since 19.5.1831 (Statement n. 5), p. 495-6; MacDonnell. op. cit. p. 93-6. A Comissão Parlamentar de 1832 concluiu que as colônias haviam perdido a vantagem da proteção, pois o preço do açúcar colonial na Grã-Bretanha estava sendo regulado "em grande parte" pelo preço dos fornecedores estrangeiros. *P.P.*, 1831-32, XX (381). Report... on the West India colonies. cit. p. 5. Veja também Clapham. op. cit. p. 221; Curtin. op. cit. p. 159.

⁶⁹ Como o açúcar brasileiro era vendido em concorrência aberta com o cubano, os preços tendiam a ser uniformes para o produto brasileiro e o cubano de qualidade similar, e uma série de preços brasileiros na Europa daria resultado equivalente. Entre 1821 e 1830, o valor unitário médio do açúcar brasileiro — valor total das exportações (FOB) dividido pela quantidade exportada — foi de 24s. 10d. por cwt (*Anuário Estatístico do Brasil*, Rio de Janeiro, 1939-40, p. 1381). O custo do transporte do açúcar brasileiro até a Europa (inclusive frete, seguro, comissão, despesas portuárias etc.) é estimado em 5 a 9s. por cwt, por fontes contemporâneas. *P.P.*, 1831-32, XX (381). Minutes... cit. Q. 2121-2122, 2322, 2633-2636; MacDonnell. op. cit. p. 261). Combinando-se esses dados, temos um preço brasileiro médio na Europa de cerca de 29/10 a 33/10s. por cwt (sem imposto) para o decênio em questão. Essa cifra ligeiramente mais alta pode ser atribuída ao fato de que o açúcar brasileiro era, em média, de melhor qualidade, pois uma parte das exportações brasileiras era de açúcar branco, superior em qualidade ao mascavo das Índias Ocidentais. Entre 1854-55 e 1858-59, por exemplo, o açúcar branco representava 32% do total do açúcar exportado da Bahia e de Pernambuco. Ministério da Fazenda. *Relatórios do Império*.

⁷⁰ O mesmo argumento aplica-se ao café, pois na década de 1820 as reexportações britânicas de café colonial corresponderam a 65% das importações britânicas de café colonial. Cf. tabelas 13 e 15.

⁷¹ Ragatz (1963) cit. p. 368; Clapham. op. cit. p. 228. A ilha de Maurício fora conquistada à França em 1810.

Tabela 17

Preços médios anuais do açúcar das Índias Ocidentais britânicas e de Cuba em Londres, 1821-1830 (com exclusão do imposto)

Anos	Preço médio por cwt do mascavo das IOB		Preço médio por cwt do açúcar comum demerara de Cuba	
	s.	d.	s.	d.
1821	33	2	30	4
1822	31	—	26	6
1823	32	11	32	10
1824	31	6	26	10
1825	38	6	37	6
1826	30	7	32	8
1827	35	9	37	—
1828	31	8	34	8
1829	28	7	30	8
1830	24	11	24	2
1821-1830	31	10	31	4

Fonte: P.P., 1852-53, XCIX (461), p. 3.

Maurício aumentaram de 93.723 em 1825 para 517.553 cwt em 1831; a participação de Maurício no total da importação de açúcar colonial subiu de 3 para 11%,⁷² o que revela uma vez mais a vulnerabilidade dos produtores das Índias Ocidentais na ausência de tarifas protecionistas.

Na realidade, o protecionismo continuou a ter importância capital, e a argumentação de Ricardo deve ser aceita com ressalvas. Em primeiro lugar, é preciso enfatizar que a exclusão dos produtores estrangeiros do mercado britânico era importante porque *restringia o desenvolvimento dos principais concorrentes das colônias*. Isso era claramente percebido pelos defensores mais hábeis dos interesses das Índias Ocidentais. Reconhecia-se que o protecionismo pouca modificação fazia em termos de preços diferenciais, mas sustentava-se que as Índias Ocidentais eram ainda assim grandemente beneficiadas pelos impostos protecionistas na medida em que estes constituíam uma restrição importante à expansão das culturas estrangeiras.⁷³

Em geral, a produção é incentivada não apenas por um aumento nos preços em relação aos custos, mas também pela disponibilidade de facilidades de crédito,

⁷² P.P., 1831-32, XX (381), p. 288.

⁷³ MacDonnell. op. cit. p. 194. MacDonnell era o secretário do Comitê de Comerciantes das Índias Ocidentais.

estabilidade de mercado, ausência de risco, rapidez das remessas etc.⁷⁴ Como o mercado britânico, naquela época o mais desenvolvido da Europa, apresentava todas essas vantagens adicionais, o comércio direto com a Grã-Bretanha teria, sem dúvida, favorecido o desenvolvimento da produção brasileira e de outros concorrentes estrangeiros. “A Inglaterra”, observava-se, “tem a reputação de ser o melhor mercado para quase todos os produtos agrícolas. Dadas as dimensões de seu mercado interno, as vendas podem ser efetuadas a qualquer tempo, o risco de dívidas incobráveis é menor e é mais fácil obter crédito e todas aquelas facilidades que um produtor estrangeiro normalmente requer.”⁷⁵ O impacto potencial de uma atitude mais liberal em relação ao Brasil era motivo de especial preocupação. Temia-se que as lavouras brasileiras pudessem produzir três vezes mais açúcar do que faziam então, ou seja, que havendo uma margem considerável de capacidade de produção ociosa no Brasil, os produtores brasileiros provavelmente inundassem o mercado se fossem beneficiados por um tratamento mais favorável. “Vários obstáculos nas vendas e nos recebimentos, conjugados com os baixos preços, têm impedido que o produtor brasileiro plante 1/3 do açúcar que ele poderia plantar. Mas, abra-se o mercado inglês para ele, um mercado igual ao de qualquer quatro nações européias somadas, mercado onde ele certamente conseguirá toda as facilidades desejadas e poderá alguém duvidar por um momento que todas as suas energias seriam imediatamente voltadas para o cultivo de açúcar? (...) Se um fantástico estímulo for oferecido pelo país europeu mais rico àquele território com a maior capacidade de produção, o excedente da oferta sobre o consumo logo (...) ocasionaria uma crise geral de superprodução.”⁷⁶ Como os níveis de custo nessa época eram em geral mais baixos no Brasil do que nas colônias britânicas, previa-se que, na falta de proteção às colônias, capitais britânicos seriam atraídos para a produção de açúcar no Brasil sob a forma de crédito ou mesmo de investimento direto.⁷⁷ Depois de provar a concorrência de Maurício a partir de 1825, e a conseqüente baixa dos preços internos, as Índias Ocidentais não tinham o menor desejo de enfrentar a concorrência do Brasil e de Cuba no mercado doméstico: “Se o mercado inglês for aberto, e a quantidade importada do Brasil e de Havana aumentar na proporção em que aumentaram as importações de Maurício, em muito pouco tempo o cultivo na maioria das colônias britânicas terá sido suplantado.”⁷⁸ Em resumo, o tratamento preferencial concedido às colônias

⁷⁴ Em outras palavras, a oferta é função não apenas dos preços e lucros, mas das facilidades de crédito, do risco e de outros fatores que representem uma perspectiva de vantagem ou desvantagem.

⁷⁵ MacDonnell. op. cit. p. 199, 200. Rapidez nos pagamentos, facilidades de crédito etc., eram vantagens que a Inglaterra, segundo se acreditava, oferecia com muito maior eficiência do que qualquer outro país. Id. ibid. p. 262.

⁷⁶ MacDonnell. op. cit. p. 200.

⁷⁷ Id. ibid. p. 268-9. “As descrições da vazão que será dada a esse capital figuram como argumento proeminente em todos os pedidos com que o Governo tem sido assediado pelos grupos interessados na admissão do açúcar estrangeiro.” p. 269.

⁷⁸ Id. ibid. p. 202.

era importante, em primeiro lugar, porque protegia os produtores coloniais de uma expansão ainda maior da produção no Brasil, em Cuba etc., na medida em que negava aos produtores estrangeiros acesso ao mercado britânico, com todas as suas facilidades e vantagens.

Além do mais, é preciso ressaltar que embora os dados disponíveis não o revelem com clareza, há razões para crer que o protecionismo teve algum impacto sobre os preços de venda da produção colonial no mercado britânico, mesmo nesse período. O efeito sobre o preço de um excedente exportável é evidentemente menor quando o excesso de oferta se faz sentir apenas em certas épocas do ano. A existência de um excedente acima do nível de consumo doméstico parece indicar que os preços internos não podem ter sido significativa e permanentemente mais altos do que os preços no continente. Todavia, como as reexportações não ocorriam de forma contínua, grande parte da produção colonial podia ser vendida no mercado interno por um preço acima do nível determinado pela concorrência brasileira e cubana em outros mercados europeus. Em outras palavras, sem os impostos protecionistas, os produtores coloniais (expostos, então, ao pleno impacto da concorrência estrangeira) perderiam a vantagem de vender pelo menos parte de sua produção a preços favorecidos em períodos de relativa escassez de oferta.⁷⁹

Por conseguinte, as cifras da tabela 17 devem ser aceitas com reservas. Uma outra fonte indica que o açúcar das Índias Ocidentais alcançava preço mais alto no mercado britânico do que no exterior, calculando uma vantagem de 3s. ou mais no mercado interno.⁸⁰ Sem a proteção tarifária, a queda nos preços internos teria sido provavelmente ainda maior nesse período.⁸¹

5. A capacidade de concorrência das exportações brasileiras, 1833-1850

A abolição da escravidão nas colônias britânicas em 1833 destruiu os fundamentos de uma economia que, como vimos, já vinha passando por um processo de declínio secular. Com a aprovação do Reform Act (reforma da lei eleitoral) em 1832 e a subsequente expansão de grupos parlamentares hostis às Índias Ocidentais e à escravidão, a abolição tornou-se, com efeito, inevitável. Em 1833, foram emancipados um total de cerca de 770 mil escravos, a maior parte dos quais

⁷⁹ MacDonnell. op. cit. p. 270-1.

⁸⁰ *P.P.*, 1831-32, XX (381). Minutes . . . on the West India Colonies. cit. Q. 2262-2263.

⁸¹ Os preços dos produtos brasileiros de exportação parecem ter sofrido baixa maior do que os de artigos similares no mercado britânico protegido. Entre 1821-1823 e 1831-1833, o valor médio do café brasileiro baixou cerca de 50%, enquanto o preço do café colonial no Reino Unido caiu apenas 16 a 22%. *Anuário*. cit. p. 1377; Tooke & Newmarch. op. cit. I, p. 399. No mesmo período, o valor médio do açúcar brasileiro sofreu uma redução de quase 1/3, enquanto o preço do açúcar mascavo das Índias Ocidentais Britânicas caiu apenas 17%. *Anuário*. cit. p. 1377; *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 3.

pertencia a colônias britânicas no Caribe. O respeito pelos interesses da propriedade privada levou o Governo inglês a pagar aos donos de escravos um total de £18,7 milhões a título de indenização.⁸² Além disso, tentou-se atenuar o impacto da medida implementando a abolição de forma gradual. A emancipação definitiva deveria ser precedida por um período de “aprendizagem”, ou seja, adotou-se por certo número de anos um regime de semi-escravidão, pelo qual o ex-escravo era obrigado a permanecer na lavoura e a trabalhar pelo menos 45 horas por semana em troca de comida, vestuário etc., recebendo remuneração em dinheiro ou espécie por qualquer trabalho além do mínimo legal.⁸³

Apesar da indenização e da tentativa de amenizar as consequências pelo adiamento da emancipação total até 1838,⁸⁴ a abolição teve um efeito devastador sobre a economia das Índias Ocidentais. Depois de 1833, elas se tornaram inteiramente incapazes de enfrentar a concorrência dos produtores estrangeiros no exterior, e até mesmo de abastecer de modo adequado o mercado interno. Em consequência das dificuldades no lado da oferta, entre 1829-1833 e 1834-1838 a quantidade total de açúcar das Índias Ocidentais importada pelo Reino Unido caiu 9,3%.⁸⁵ Depois da emancipação completa, em 1838, a produção diminuiu ainda mais drasticamente. Entre 1834-1838 e 1839-1843, essa quantidade sofreu uma queda de 31,5% (tabela 18). No caso do café, o impacto da abolição foi ainda mais grave. No período de “aprendizagem”, as importações totais de café das Índias Ocidentais pelo Reino Unido caíram 25,2% em relação aos cinco anos anteriores à abolição. Com a emancipação completa, o total importado apresentou uma redução ainda maior, da ordem de 42% em comparação com o que se verificara durante o período de transição (tabela 18). Em resumo, depois de 1833 as impor-

⁸² Sheridan. op. cit. p. 545-8. Mathieson. op. cit. p. 329.

⁸³ Guillebaud. op. cit. p. 492-3. Note-se que, se o Governo brasileiro nessa época fosse abolir a escravatura do mesmo modo e com um ônus financeiro semelhante, teria de gastar o equivalente a cerca de £48,5 milhões (estimando-se em 2 milhões o número de escravos brasileiros). Considerando-se que na década de 1830 a receita total do Governo central foi de cerca de £4,2 milhões (ao câmbio médio no Rio de Janeiro), para abolir a escravatura com um grau comparável de respeito pela inviolabilidade da propriedade privada o Governo brasileiro teria que enfrentar a tarefa impossível de gastar uma quantia mais de 10 vezes maior do que a sua receita total naquele decênio (de 1830/31 a 1839/40). Estava fora de cogitação, portanto, a abolição não-revolucionária da escravatura na época. A abolição pacífica e imediata era impossível não só por causa da importância da escravidão em todas as regiões povoadas, da proporção entre o número de habitantes e a terra cultivável e a consequente dificuldade de formar um mercado de trabalho assalariado etc., mas também porque – dadas as permanentes dificuldades financeiras do Governo – a abolição só poderia ocorrer sob a forma de confisco direto.

⁸⁴ A “aprendizagem” deveria durar até 1840 no caso dos escravos das zonas agrícolas, mas o medo generalizado de revoltas antecipou a emancipação completa de dois anos. Guillebaud. op. cit. p. 490.

⁸⁵ Devido à falta de dados comparáveis sobre a produção ou a exportação, o impacto da emancipação sobre a produção só pode ser avaliado indiretamente mediante as cifras referentes à importação pelo Reino Unido. Como o consumo nas Índias Ocidentais era pequeno e como quase toda a produção era exportada para o Reino Unido, a utilização dos dados de importação não oferece qualquer dificuldade. Guillebaud. op. cit. p. 495.

Tabela 18

Quantidade de açúcar e café importados das
Índias Ocidentais pelo Reino Unido, 1833-1843

	Açúcar (em milhares de cwt)	Café (em milhares de libras)
1829-1833	19.610	117.800
1834-1838	17.795	88.110
1839-1843	12.184	51.342

Fontes: *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 2; *P.P.*, 1831-32, XX (381), p. 290; *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 14-5.

tações britânicas de produtos das Índias Ocidentais sofreram acentuada queda: no espaço de um decênio, as importações de açúcar e de café das colônias no Caribe decresceram 37,9 e 56,4%, respectivamente.⁸⁶

Em 1842, o inquérito de uma Comissão Parlamentar sobre as Índias Ocidentais concluiu que a causa fundamental da crise era o excesso de terra fértil em relação à população. A produção caíra devido à drástica redução na oferta de trabalho nas plantações. Tendo em vista a facilidade de acesso à terra na maioria das áreas, o poder de barganha dos trabalhadores e os salários tinham aumentado de forma significativa. Dizia-se que os trabalhadores podiam viver bem trabalhando três ou quatro dias por semana, e cinco a sete horas por dia. Tornara-se aparentemente muito difícil conseguir uma oferta contínua de trabalho.⁸⁷ Nas colônias maiores, em especial, isto é, naquelas com proporção mais elevada de terras férteis em relação à população (Jamaica, Trinidad, Guiana Britânica), a grande lavoura estava passando por uma crise severa.⁸⁸ Nessas colônias, a aguda escassez de mão-de-obra impedia que os proprietários se unissem para manter baixos os salários. A pequena agricultura tendia a desenvolver-se às custas da grande lavoura. Nesta última, os altos salários e uma oferta insuficiente e irregular de trabalho provocavam o subcultivo e até o abandono das propriedades. De um modo geral, apesar das tentativas de obrigar os antigos escravos a aceitarem o regime de trabalho assalariado (leis contra a vadiagem, contra a ocupação ilegal de terras etc.), a abolição da escravatura, ao ocasionar uma considerável redução da

⁸⁶ Batista Jr. op. cit. p. 66-7.

⁸⁷ *P.P.*, 1842, XIII (479). Report . . . on the West India Colonies. cit. p. iv, v. Veja também *P.P.*, 1847-48, XXIII (361-II). Eighth Report of the Select Committee on Sugar and Coffee Planting. p. iii, iv. A irregularidade da oferta de trabalho explica talvez por que a cafeicultura, que exige cuidados constantes por um período mais longo, foi ainda mais afetada do que a produção de açúcar.

⁸⁸ Nas ilhas menores e mais densamente povoadas (Barbados, Antígua, Dominica, St. Kitts, St. Vincent), o ex-escravo não tinha outra alternativa senão ajustar-se ao sistema de trabalho assalariado; nessas colônias, o problema era principalmente o de garantir maior regularidade na oferta de mão-de-obra.

oferta de mão-de-obra nas grandes lavouras das Índias Ocidentais, teve um efeito altamente prejudicial sobre a capacidade de concorrência da sua economia e sobre suas possibilidades de atender à crescente procura no mercado britânico.⁸⁹

O drástico declínio das importações britânicas das Índias Ocidentais não foi compensado pelo aumento das importações de açúcar e café de outras colônias. Os produtores de outras regiões do Império Britânico não reagiram de imediato às oportunidades criadas pela crise na economia das Índias Ocidentais. Entre 1829-1833 e 1839-1843, as importações de açúcar das Índias Ocidentais sofreram, como vimos, uma redução de 7.246.000 cwt. No mesmo período, as exportações de outras colônias (Maurício e Índia Oriental britânica) para o Reino Unido aumentaram em apenas 4.203.000 cwt.⁹⁰ Da mesma forma, a redução acentuada das importações de café das Índias Ocidentais não foi compensada por um aumento equivalente das exportações de possessões britânicas nas Índias Orientais.⁹¹ Entre 1829-1833 e 1839-1843, portanto, as importações britânicas totais de açúcar e de café coloniais caíram de modo significativo (14,2 e 18,1%, respectivamente).

Esse colapso parcial da oferta colonial não poderia deixar de exercer uma influência sobre o nível dos preços no mercado britânico. Entre 1830 e 1840, o preço do café colonial na Grã-Bretanha subiu de 25-83 para 74-160s. por cwt.⁹² O preço médio do açúcar também aumentou de forma significativa, de 26s. 11d. em 1829-1833 para 39s. 9d. em 1839-1843.⁹³ Em 1840, o preço médio do açúcar mascavo das Índias Ocidentais alcançou o nível mais alto desde 1818.⁹⁴

Nesse contexto, a proteção contra produtores estrangeiros tornou-se absolutamente indispensável, e as tarifas passaram a exercer grande influência sobre os preços. Como se vê no gráfico 1, entre a abolição da escravatura e a redução das tarifas na década de 1840, a brecha entre os preços das Índias Ocidentais e os do

⁸⁹ Guillebaud. op. cit. p. 496-504; Deerr. op. cit. p. 362, 363; Sheridan. op. cit. p. 548. É provável que a redução da produção nas Índias Ocidentais também possa ser atribuída a baixos níveis de investimento. A queda da produção pode ser explicada até certo ponto como resposta a um período de superprodução e de preços e lucros anormalmente baixos entre 1815 e a década de 1830, ou seja, como o efeito a longo prazo das dificuldades enfrentadas pela economia das Índias Ocidentais desde o fim da guerra na Europa.

⁹⁰ Calculado a partir de dados publicados em *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 2.

⁹¹ Entre 1829-1833 e 1839-1843, as importações totais das Índias Orientais britânicas (inclusive café estrangeiro reexportado dessas colônias para o Reino Unido) aumentaram em 38.696.000 libras, em comparação com a redução de 66.458.000 libras no fornecimento das Índias Ocidentais. *P.P.*, 1831-32, XX (381), p. 290; *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 14-5.

⁹² Preço exclusiva tarifa (de café superior), cotações mais baixas e mais altas de 8 a 15 de janeiro de cada ano. Tooke & Newmarch. op. cit. I, p. 399, e IV, p. 426.

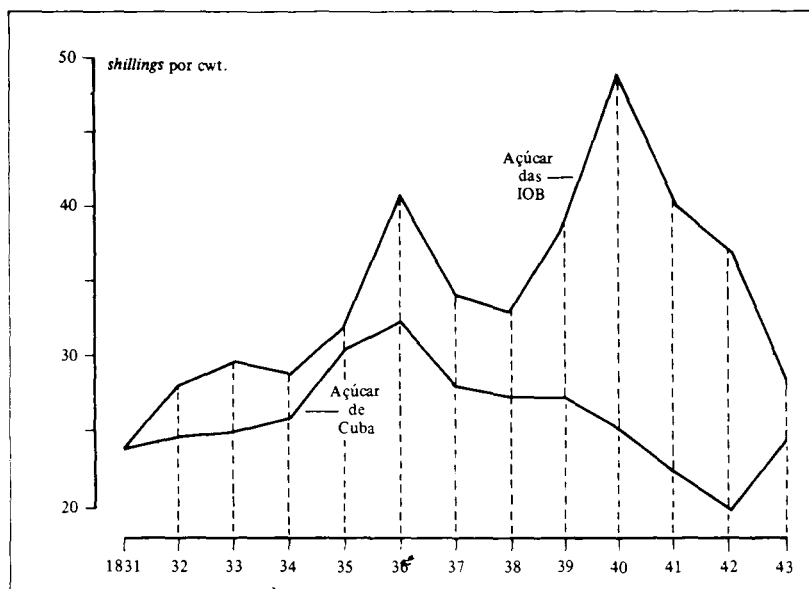
⁹³ *P.P.*, 1852-53, XCIX (461), p. 3. O consumo *per capita* de açúcar no Reino Unido caiu de 17,6 libras anuais na década de 1820 para 16,4 libras anuais em 1840-1844. O consumo total permaneceu estacionário até 1845 (veja tabelas 7 e 8).

⁹⁴ Atribuiu-se o aumento dos preços principalmente à contração da oferta. *P.P.*, 1840, V. (601). Minutes of evidence of the Select Committee on Import Duties. Q. 1790-91, 1893. Mas também pode ser atribuído à expansão da procura (aumento da quantidade demandada a cada nível de preço), em decorrência do aumento da população.

Gráfico 1

Preços médios anuais do açúcar nas Índias Ocidentais britânicas e de Cuba – 1831-1843

(com aproximação ao primeiro *shilling* por cwt)



Fonte: A mesma da tabela 17.

açúcar estrangeiro aumentou de maneira considerável. Em contraste com o aumento do preço no mercado britânico protegido, continuavam a cair rapidamente os preços obtidos pelos produtores brasileiros e cubanos (tabelas 19 e 20). Graças ao protecionismo, de 1831 a 1840, o preço médio do açúcar mascavo das Índias Ocidentais superou a média do açúcar cubano similar em 7s. por cwt (tabela 19). Em 1840, o açúcar brasileiro era vendido por menos da metade do preço do açúcar mascavo das Índias Ocidentais.⁹⁵ Era tão grande a disparidade de preço naquele ano que mesmo um imposto de 300% deixou de ser de todo proibitivo e o

⁹⁵ O açúcar demerara brasileiro (superior ao açúcar médio das colônias britânicas) era vendido por 20 a 21s. o cwt, enquanto o mascavo das Índias Ocidentais custava em média cerca de 49s. por cwt. Porter (1841. p. 15). O açúcar branco brasileiro podia ser comprado por 24 a 26s. o cwt em Londres, enquanto o açúcar similar das Índias Ocidentais era vendido a 62 a 66s. por cwt (exclusive tarifa). *P.P.*, 1840, V (601). Minutes of evidence before the Select Committee on Import Duties, Q. 1793-1795, 1964-1965. O preço do açúcar na Grã-Bretanha parece ter sido superior ao dobro do preço cobrado em mercados supridos por exportações do Brasil e de Cuba. Q. 2649-2651.

Tabela 19

Preços médios anuais do açúcar das Índias Ocidentais britânicas e de Cuba em Londres, 1831-1843 (com exclusão do imposto)

Anos	Preço médio por cwt do mascavo das IOB (1)		Preço médio por cwt do açúcar comum demerara de Cuba (2)		(1) - (2)	
	s.	d.	s.	d.	s.	d.
1831	23	8	23	10	(-) 2	
1832	27	8	24	10	2	10
1833	29	8	24	9	4	11
1834	29	5	25	11	3	6
1835	33	5	31	4	2	1
1836	40	10	33	2	7	8
1837	34	7	27	10	6	9
1838	33	8	27	3	6	5
1839	39	2	26	8	12	6
1840	49	1	25	4	23	9
1831-1840	34	1	27	1	7	—
1841	39	8	21	6	18	2
1842	36	11	20	1	16	10
1843	27	8	24	10	2	10

Fonte: A mesma da tabela 17.

açúcar brasileiro começou a entrar na Inglaterra em quantidades significativamente maiores.⁹⁶

O fim da escravidão teve impacto análogo sobre os preços relativos do café das Índias Ocidentais e do Brasil. Como vimos, a baixa na oferta provocou grande aumento nos preços do café colonial no mercado britânico. Os preços brasileiros tendiam a mover-se na direção oposta: entre 1821-1830 e 1831-1840, o valor médio das exportações de café do Brasil caiu de 38-3 para 37-5s. por cwt.⁹⁷ Em 1840, o café da Jamaica estava custando mais do que o dobro do café brasileiro de qualidade similar.⁹⁸ A esta altura, o café brasileiro era contrabandeado com regularidade para o Reino Unido através do Cabo da Boa Esperança, operação que representava um custo adicional de cerca de 1-2d. a 1d. por libra (4-8 a 9-4 por cwt).⁹⁹

⁹⁶ *P.P.*, 1843, III (309), p. 2, 31.

⁹⁷ *Anuário* . . . cit. p. 1381.

⁹⁸ *P.P.*, 1840, V (601). Minutes . . . on Import Duties. cit. Q. 1751. Dizia-se que o preço do café era 80 a 100% mais alto na Grã-Bretanha do que na Europa. Q. 914-915, 2365.

⁹⁹ *P.P.*, 1840, V (601). Q. 888-893, 1746.

Tabela 20
Valor unitário médio das exportações de
açúcar brasileiro, 1821-1845

Anos	Valor médio anual por cwt	
	s.	d.
1821-1830	24	11
1831	13	8
1832	18	6
1833 ¹	18	7
1833-1834	18	10
1834-1835	15	5
1835-1836	23	2
1836-1837	16	5
1837-1838	12	—
1838-1839	15	5
1839-1840	19	11
1831-1840	17	—
1840-1841	15	10
1841-1842	14	11
1842-1843	14	10
1843-1844	13	6
1844-1845	13	11

Fonte: *AEB*, cit. p. 1374.

¹ Primeiro semestre.

Não obstante a tendência para a baixa nos preços, e a exclusão total do mercado britânico, o cultivo do açúcar e do café continuou a expandir-se rapidamente no Brasil. De 1821-1830 a 1831-1840, as exportações de café aumentaram seu volume em mais de 200%, de 3,2 para 9,7 milhões de sacas. As exportações de açúcar aumentaram quase 50%, de um total de 480.000 para 707.000 t.¹⁰⁰ Dadas as diferenciais de preço, não há dúvida que as exportações brasileiras poderiam ter conquistado uma fatia do mercado britânico se tivesse havido alguma reciproci-

¹⁰⁰ De 1821-1830 a 1831-1840, o valor total da exportação de café aumentou de 7,2 para 21,5 milhões de libras esterlinas. No caso do açúcar, porém, os preços caíram de forma acentuada e o valor total das exportações de açúcar permaneceu mais ou menos constante, em torno de 11,8 milhões de libras esterlinas. *Anuário*, op. cit. p. 1380-1.

dade nas relações anglo-brasileiras.¹⁰¹ Nessa época já era de conhecimento geral que um comércio livre (ou mais livre) teria um efeito *imediatamente substancial* sobre o comércio de exportação do Brasil. Por exemplo, uma publicação de 1842 previa (como de fato viria a ocorrer) que se os impostos de importação sobre o açúcar estrangeiro fossem reduzidos de 60 para 30s. o cwt, o consumo na Grã-Bretanha aumentaria num ano de 200 para 250 mil t, isto é, quase o montante do total da exportação brasileira. Previa-se que o consumo britânico dobraria em cinco ou seis anos e que o açúcar seria importado para consumo em larga escala, o que resultaria numa melhoria considerável no preço do açúcar brasileiro no mercado internacional.¹⁰² Em 1840, informava-se que “a opinião geral” dos comerciantes que negociavam com o Brasil era de que com impostos mais baixos o comércio anglo-brasileiro teria mais do que dobrado nos cinco anos anteriores.¹⁰³ Um relatório do consulado britânico em Pernambuco dizia que a quantidade de açúcar exportada para portos britânicos era pequena comparada com o que poderia ser se as restrições fossem abolidas.¹⁰⁴ Em resumo, a essa altura tornara-se mais ou menos evidente que a importância atribuída pelos brasileiros à eliminação das restrições às suas exportações justificava-se plenamente, e que a política tarifária da Inglaterra era um obstáculo importante ao crescimento das exportações do Brasil.

5.1 *Liberalização do comércio: redução das tarifas britânicas sobre o açúcar e o café*

No contexto do movimento geral para o livre-comércio, os impostos sobre açúcar e café estrangeiros começaram a baixar na década de 1840. A partir de 1842-1844, a tarifa diferencial em favor do açúcar e do café colonial foi sendo gradualmente reduzida até alcançar a igualdade completa no início da década de 1850.

¹⁰¹ Um obstáculo à expansão das exportações brasileiras para a Inglaterra num regime de livre comércio poderia ter sido a qualidade do café brasileiro, em geral inferior ao consumido na Grã-Bretanha. Mas isso não parecia constituir problema grave. Teria sido possível melhorar-lhe a qualidade e adaptá-lo ao consumo na Grã-Bretanha mediante alterações relativamente simples no modo de beneficiamento. De fato, quando o café passou a ser exportado para a Grã-Bretanha através do Cabo da Boa Esperança, os métodos de produção começaram a ser adaptados às exigências do novo mercado. Depois de 1842, em resposta à primeira redução do imposto diferencial sobre o café brasileiro, os cafeicultores alteraram os métodos de preparo, e já em 1845 estavam exportando volumes consideráveis de café para consumo na Grã-Bretanha. *P.P.*, 1840, V (601). Minutes . . . on Import Duties. cit. Q. 1779-1786; *P.P.*, 1847-48, XXIII (167). Minutes of evidence before the Select Committee on Sugar and Coffee Planting. Q. 14117-14121.

¹⁰² *Memória sobre as relações pendentes entre o Brasil e a Inglaterra*. Por um Imparcial. London, 1842. p. 53. Com uma mudança nos métodos de produção, o café brasileiro também tornar-se-ia artigo de grande consumo na Grã-Bretanha. *Id. ibid.* p. 83.

¹⁰³ *P.P.*, 1840, V (601), Minutes . . . on Import Duties. cit. Q. 908.

¹⁰⁴ *F.O.*, 13/156. Watts to Palmerston. Report on the state of trade in Pernambuco. n. 15, June 10, 1839.

Embora essas medidas liberais tenham sido precedidas de esforços para restaurar a prosperidade das Índias Ocidentais e promover o desenvolvimento de fontes coloniais alternativas, o comércio de exportação do Brasil obteve benefícios imediatos do abrandamento das restrições. As exportações de açúcar brasileiro aumentaram enormemente. Em 1846, o imposto sobre açúcar bruto de origem brasileira foi reduzido de 63s. para 21s. por cwt, e pela primeira vez o produto começou a ser importado em grandes quantidades para consumo na Inglaterra. Embora o imposto diferencial em favor do açúcar colonial só tenha sido eliminado por completo em 1854, a quantidade média de açúcar brasileiro retido para consumo doméstico aumentou de 19 cwt anuais em 1841-1845 para 185.340 cwt anuais em 1846-1850.¹⁰⁵ Após a equalização completa das tarifas em 1854, as importações de açúcar brasileiro cresceram ainda mais, alcançando a média anual de 666.932cwt em 1856-1860 (tabela 21). A Grã-Bretanha tornara-se um dos principais mercados do açúcar brasileiro: de 1856 a 1860, a quantidade exportada para consumo britânico representava 29% do açúcar exportado do Brasil (cf. tabela 21 e 22). Em grande parte por causa do aumento das exportações para a Grã-Bretanha, o valor total das exportações brasileiras de açúcar — que permanecera mais ou menos estacionário na década de 1830 — experimentou significativa elevação nesse período, passando de uma média de £1.265.000 anuais em 1841-1845 para £2.445.000 em 1856-1860 (tabela 22).

Tabela 21
Quantidade total de açúcar brasileiro não-refinado importado para
consumo pelo Reino Unido, 1841-1865

Anos	Quantidades ¹ (em cwt)
1841-45	19
1846-50	185.340
1851-55	353.512
1856-60	666.932
1861-65	988.330

Fontes: *P.P.*, 1856, LV (210), p. 4; *P.P.*, 1863, LXVII (273), p. 2; *P.P.*, 1867, LXIV (246).

¹ Média anual em cada período.

¹⁰⁵ As importações britânicas totais de açúcar brasileiro (inclusive reexportações) aumentaram de 291.000 para 515.000cwt. *P.P.*, 1856, LV (209), p. 23. Em 1846, o açúcar brasileiro podia ser desembarcado em Londres por um preço inferior ao preço FOB do açúcar em Maurício. O bom açúcar demerara brasileiro, de qualidade superior ao açúcar médio de Maurício por uma margem equivalente a 2s. por cwt, podia ser entregue em Londres por 22 a 26s. por cwt. (com todas as despesas), enquanto Maurício não podia exportar açúcar com lucro por menos de 23s. (FOB) ou 31s. o cwt (inclusive frete, comissão, seguro e todas as outras despesas). *P.P.*, 1847-48, XXIII (123). Select Committee... Coffee Planting. cit. Minutes of evidence. Q. 3045-3074.

Tabela 22
Crescimento das exportações de açúcar brasileiro,
1840/41-1859/60

Anos	Quantidade total de açúcar exportado do Brasil ¹ (em cwt)	Valor total das exportações de açúcar (em £ esterlinas)	Valor unitário médio (s. por cwt)
1840/41-1844/45	1.733.186	1.264.600	14,6
1845/46-1849/50	2.222.751	1.650.600	14,9
1850/51-1854/55	2.519.118	1.882.200	14,9
1855/56-1859/60	2.266.800	2.445.400	21,6

Fonte: AEB, cit. p. 1374.

¹ Média anual em cada período.

A redução da tarifa sobre o café também favoreceu as exportações brasileiras desse produto na mesma época. Os impostos sobre o café estrangeiro decresceram de 1s. 3d. para 8d. a libra em 1842, e para 6d. a libra em 1844. As importações britânicas de café brasileiro começaram então a aumentar, embora as colônias continuassem a se beneficiar de uma margem de proteção até a equalização das tarifas em 1851. De 1.226 libras em 1841, a quantidade de café brasileiro retido para consumo na Grã-Bretanha atingiu 307.243 libras em 1843, e 980.422 libras em 1845.¹⁰⁶

6. Conclusão

Tudo indica que as restrições unilaterais impostas pela Inglaterra ao comércio de exportação do Brasil tiveram importante impacto negativo sobre o desempenho das exportações brasileiras na primeira metade do século XIX. Pelos tratados comerciais de 1810 e 1827, a Inglaterra fixou as tarifas brasileiras num máximo de 15%, sem oferecer vantagens comerciais em troca. As principais exportações brasi-

¹⁰⁶ P.P., 1847, LX (717), p. 37. Mas a Grã-Bretanha não se tornou um mercado importante para o café brasileiro. Depois do colapso da produção cafeeira nas Índias Ocidentais, os ingleses fizeram um esforço deliberado para estimular o desenvolvimento de fontes coloniais alternativas. Em 1835, o café de possessões britânicas nas Índias Ocidentais começou a ser admitido para consumo na Grã-Bretanha pagando a mesma taxa de imposto que o café das Índias Ocidentais; sob o incentivo de preços excepcionalmente elevados, o Ceilão começou então a aparecer como importante produtor de café. Os impostos proibitivos sobre o café estrangeiro foram mantidos até que a nova fonte de café colonial pudesse fornecer o produto em condições competitivas. Já na década de 1840, o Ceilão tornara-se a principal fonte de café importado para consumo na Grã-Bretanha. P.P., 1852-53, XCIX (461), p. 14-15; Tooke & Newmarch. op. cit. p. 422; Guillebaud. op. cit. p. 521-524.

leiras foram, ao contrário, sistematicamente excluídas do mercado britânico até a década de 1840.

Nesse período, os fornecedores coloniais britânicos de açúcar e de café enfrentavam grave crise econômica e política, e tornavam-se cada vez menos capazes de enfrentar a concorrência do Brasil e de outros produtores estrangeiros. Esse fato evidenciou-se de maneira especialmente clara depois da abolição da escravidão nas colônias britânicas em 1833. Mas mesmo antes da abolição, a proteção tarifária assumia uma importância cada vez maior em função da ineficiência dos principais produtores coloniais.

As tarifas proibitivas impostas pela Inglaterra às principais exportações brasileiras impediam que os produtores brasileiros suprissem um dos maiores mercados do mundo para produtos tropicais. O protecionismo britânico foi um dos fatores responsáveis pelo crescimento relativamente lento das exportações brasileiras na primeira metade do século XIX.

Abstract

This essay attempts to assess the impact of the commercial restrictions imposed by Britain on Brazilian exports of sugar and coffee throughout the first half of the XIXth. century. At a time when Britain held a privileged and dominant position in Brazilian import trade, the main exports of Brazil, were systematically excluded from the British market. The tariff policy of British seems to have been an important obstacle to the development of Brazilian export trade in a period when the main colonial sources of sugar and coffee in Britain's were unable to compete effectively with Brazilian producers.

Bibliografia

1. Fontes primárias

Foreign Office. *Records*. Public Records Office (PRO). London: 63 (Portugal), 1808-1817.

_____. *Records*. PRO. London: 13 (Brazil), 1825-1827, 1835-1845.

House of Commons. *Parliamentary Papers*. 1810-11, XI (523). Treaty of Commerce and Navigation of 1810.

_____. *P.P.* 1828, XXVII (15). Treaty of Amity and Commerce of 1827.

_____. *P.P.*, 1830-31, IX (120). Statements relating to the state of the West India colonies since 19/5/1831.

_____. *P.P.*, 1831-1832, XX (381). Select Committee on the Commercial State of the West India Colonies.

_____. *P.P.*, 1840, V (601). Select Committee on Import Duties.

_____. *P.P.*, 1842, XIII (479). Select Committee on the West India Colonies.

- _____. *P.P.*, 1847-48, XXIII. Select Committee on Sugar and Coffee Planting.
- _____. *P.P.*, 1840, VIII (527). Sugar and coffee trade of the world.
- _____. *P.P.* Statement of the average prices of sugar, 1831-1841. (Return to an order of the House of Commons, dated 8/2/1842).
- _____. *P.P.*, 1843, LII (309), U.K. Exports to Brazil.
- _____. *P.P.*, 1843, LII (439). Quantities of coffee imported into the UK.
- _____. *P.P.*, 1844, XLV (337, 392); 1847, LX (717); 1854, LXV (15). Quantities of Brazilian coffee imported into the UK.
- _____. *P.P.*, 1852-53, XCIX (461). Quantities of sugar and coffee imported into the UK.
- _____. *P.P.* Annual statement of the trade and navigation of the UK with foreign countries and British possessions accounts and papers, 1854-1864.
- _____. *P.P.*, 1856, LV (209-210); 1863, LXVII (273); 1867, LXIV (246-7). Quantities of foreign sugar imported into the UK.
- _____. *P.P.*, 1862, XIII (390). Rates of duty on unrefined sugar.
- _____. *P.P.*, 1898, LXXXV (C. 8706). Customs tariffs of the U.K.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro, 1939/40.
- Mitchel, B. R. & Deane, P. *Abstract of British historical Statistics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1962.
- Ragatz, L. J. *Statistics for the study of British Caribbean economic History 1763-1833*. London, 1927.

2. Fontes secundárias

a) Material contemporâneo (panfletos e publicações)

- Imparcial. *Memória sobre as relações pendentes entre a Inglaterra e Brasil*. London, 1842.
- MacDonnell, Alexander. *Colonial commerce; comprising an inquiry into the principles upon which discriminating duties should be levied on sugar, the growth respectively of the West Indian British possessions, of the East Indies, and foreign countries*. London, 1828.
- Porter, G. R. *The Many sacrificed to the few, proved by the effects of the sugar monopoly*. London, 1841.
- Sturz, J. J. *A review of the Empire of Brazil and its resources*. London, 1837.

b) Outras fontes

- Batista Jr., Paulo Nogueira. *Anglo-Brazilian relations: the impact of the commercial treaties of 1810 and 1827*. Dissertação de mestrado. London School of Economics, 1978.
- Bethell, Leslie. The Independence of Brazil and the abolition of the Brazilian slave trade: Anglo Brazilian relations, 1822-1826. *Journal of Latin American Studies*, 1 (2), p. 115-47, 1969.
- Cambridge University. *Cambridge History of the British Empire*. Cambridge, University Press, II, 1940.

- Clapham, J. H. The Industrial revolution and the colonies, 1783-1822. In: *Cambridge History of the British Empire*. II, 1940.
- Curtin, Philip D. The British sugar duties and West Indian prosperity. *Journal of Economic History*, 14, p. 157-64, 1954.
- Deane, Phyllis. *The First industrial revolution*. Cambridge, Cambridge University Press, 1965.
- Deerr, N. *The History of sugar*. London, Chapman & Hall, 1950.
- Guillebaud, C. W. The development of the Crown colonies, 1815-1845. In: *Cambridge History of the British Empire*. II, Cambridge University, 1940.
- Hobsbawm, E. J. *Labouring men, studies in the history of labour*. London, Weidenfeld & Nicolson, 1964.
- Lippman, Edmond O. von. *História do açúcar*. Rio de Janeiro, IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool, 1942.
- Mathias, Peter. *The First industrial nation*. London, Methuen, 1969.
- Mathieson, W. L. The Emancipation of the slaves (1807-1838). In: *Cambridge history of the British Empire*. II, Cambridge University, 1940.
- Mota, Carlos Guilherme, ed. *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro, Difel, 1977.
- Normano, J. F. *Evolução econômica do Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1939.
- Pinto, Virgílio N. Balanço das transformações econômicas no século XIX. In: Mota, Carlos G., ed. *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro, Difel, 1977.
- Platt, D. C. M. *Latin America and British trade, 1806-1914*. London, Adam & Charles Black, 1972.
- Porter, G. R. *The progress of the nation*. ed. rev. New York, Kelley, 1912.
- Ragatz, L. J. *The Fall of the planter class in the British Caribbean, 1763-1833*. New York, Octagon Books, 1963. reprint of 1928 ed.
- . *Absentee landlordism in the British Caribbean, 1750-1833*. London, 1928.
- Rose, J. Holland. The Struggle with Napoleon, 1803-1815. In: *Cambridge History of the British Empire*. II, Cambridge University, 1940.
- Sheridan, R. B. The West Indian sugar crisis and British slave emancipation, 1830-1833. *Journal of Economic History*, 21, p. 539-51, 1961.
- Stein, Stanley J. *Vassouras, a Brazilian coffee county, 1850-1900*. Cambridge, Harvard University Press, 1957.
- Taylor, A. J. *The Standard of living in Britain in the industrial revolution*. Suffolk, Methuen, 1975.
- Tooke & Newmarch. *A history of prices and of the state of circulation from 1792 to 1856*. London, King, 1928.
- Williams, Eric. *Capitalism and slavery*. London, André Deutsch, 1964.